

Narcisismo e ressentimento (no) feminino: “Adélias” e “Amélias”

Cristina Maria Cortezzi Reis

Este trabalho apresenta o retrato de duas mulheres, uma do início do século XX e outra contemporânea, expondo a maneira pela qual se posicionam internamente diante de situações que abalam seu narcisismo.

*“Minha mãe cozinhava exatamente:
arroz, feijão roxinho, molho de batatinhas.
Mas cantava”.¹*

A insatisfação com a vida amorosa tem sido um dos motivos que levam as pessoas a buscar análise. Na clínica, à medida que se expõem, é comum falarem de seus ressentimentos com os parceiros. Sentindo-se vítimas, não conseguem se ver agentes de sua própria existência. Nas queixas justificadas, trazem um sofrimento sem destino que volta

ao remetente, transformando-se em amargura e vinganças, reais ou imaginárias. Não é incomum pessoas acumularem mágoas e ressentimentos sem se darem conta dos prejuízos internos que estes lhes causam.

No desabafo há um pedido latente de ajuda, sobrepondo-se a um quase inconformismo conformado, a uma acomodação incômoda. Nos relatos, o outro é vis-

Cristina Maria Cortezzi Reis é membro associado da SBPSP, membro do Departamento Instituto Sedes Sapientiae e mestranda em Psicologia Clínica na PUC-SP

to pelo que não faz: *não me dá atenção, não me apóia, não me inclui nas coisas gostosas, não conversa comigo.*

O ressentimento se manifesta por contigüidade contaminando o trabalho, amigos e familiares. Como um refrão que se repete num monotom, quase sem musicalidade, é constante a necessidade de externar a mágoa e de colecionar provas de que o outro é mau. O bom é esquecido e o mau é lembrado.

Rancores vão se configurando como teias mentais que capturam o mal e não o soltam. Há mágoas que vão se alastrando, analogamente a uma endometriose, invadindo o espaço e impedindo a nidação de novas possibilidades. E por que é tão difícil libertar-se das mágoas? Em relação ao feminino, existiria uma especificidade, um território fértil que predisporia a mulher a cultivar ressentimentos?

Marta
cuidava
da casa,
falando
com muito
prazer
sobre suas
atribuições
femininas.

E por que as mulheres?

Recordo-me de um trecho do filme “O Quatrilho” em que me chamou a atenção o comentário do padre, dizendo que ficava triste ao celebrar um casamento, pois sabia que desse jovem casal, feliz, após algum tempo, a mulher iria ficar deformada, envelhecida, vindo chorar no confessionário. É curioso que o padre não tenha se referido ao homem, que também poderia vir a sofrer e a se deformar.

Digamos que o tempo não perdoa e que *è brutta la vecchiaia*. Mas não é a velhice natural o alvo de considerações neste momento. Algumas jovens, como no filme e como as que estão à nossa volta, esboçam na face o sorriso meigo, guardando as mais tenras esperanças de realizarem seus sonhos amorosos. À medida que amadurecem, no entanto, essas moças perdem o viço e o brilho dos olhos, podendo tornar-se amargas e rancorosas. Digamos que a vida vai ficando mais complexa, com o casamento, os filhos e a profissão, ainda que estas possam ser aquisições importantes na vida de uma mulher; mas algo se passa em sua trajetória que pode levar a essa situação, bem descrita por um colega, como um *Liebfraümilch* que se vai *avinagrando*. O que as levaria a essa condição?

A história de Marta

Uma mulher educada nos moldes do início do século XX, a qual, mesmo atravessando adversidades demonstrou não ter se tornado amarga nem ressentida. Sua vida foi sempre dura desde menina. Era a mais velha de uma família numerosa, tendo assumido junto à mãe as tarefas da casa e a criação dos irmãos. Bonita, casou-se com um rapaz também de boa aparência, que adorava um “rabo de saia”; tinha gênio difícil, era explosivo, esbravejador, mas tinha bom coração.

Marta cuidava da casa, falando sobre suas atribuições femininas com muito prazer. Costurava e bordava a roupa de toda a família. Ao contar sobre seus dotes culinários, era capaz de transmitir os aromas de seus temperos, como o louro do feijão, que dava até água na boca de quem a ouvia. Costumava fazer doces num tacho de cobre, sendo seus prediletos figo, laranja caipira, cidra e abóbora em pedaços. Falava com freqüência de sua disponibilidade e alegria em receber pessoas, não faltando à mesa do café da tarde os bolinhos-de-chuva passados no açúcar com canela.

Dos temperos e assados cuidava o marido, como picles, molho de pimenta, pernil, cabrito, carneiro e codornas. Gostava de caçar e pescar. Quando não encontrava seus pertences, ficava bravo, gritando com ela. Marta dizia não retrucar, nem se defender quando acusada, levando qualquer interlocutor a perguntar: *you não diz nada?*

Com seu sorriso complacente, respondia: *deixa ele, coitado*. Esta frase, que não era de desprezo, desarmava qualquer indignação. Mulher de fibra, não de ferro, pois não parecia ser dura, e sim firme. Não era de reclamar nem de falar mal de ninguém, nem mesmo do marido. Sempre sorrindo e de bem com a vida. Nenhuma mágoa, nenhum rancor? Que destino teria dado a seus dissabores?

Apesar das dificuldades, manteve a doçura. Que recursos teria, então? A impressão que dava era a de que seus limites eram bem estabelecidos, de que seu território não se confundia com o dele. Marta parecia não se deixar afetar pelas implicações do marido, as quais não a desalojavam de seu centro. Diria que ela não ficava à mercê do que ele fazia, ou dizia, quando tripudiava. Marta possivelmente não dependia dele como seu balizador, dando a entender que ela mesma reconhecia seu próprio valor. Demonstrava ter segurança, nutrindo-se de sua vitali-

dade interna e de seu amor-próprio. Cultivava afetos e flores; estas, ela transformava em arranjos criativos que adornavam sua casa, fazendo dela um lugar acolhedor onde as pessoas gostavam de estar.

Assim, como algumas mulheres de sua época, Marta mantinha definido seu lugar de senhora e rainha, e parecia reinar bem. Os ressentimentos, caso tenham existido, supunho terem sido direcionados, sublimados. Talvez por isso possa ser colocada entre as *Adélias*, fazendo uma referência ao poema de Adélia Prado, em epígrafe, ao retratar a própria mãe, *que cozinha... mas, cantava*. E não uma *Amélia*, como comumente são chamadas as mulheres supostamente submissas.

Saliento que o perfil das mulheres da época de nossas avós não é o mesmo das de hoje, que estão mais independentes, trabalham, dirigem seus próprios carros, usam computador, fazem ginástica, têm namorado e são chefes de família. Não significa que sofram menos ou que guardem menos ressentimentos.

E o que fere o narcisismo?

Das situações que afetam o ser humano, além das perdas e fracassos, a traição e o abandono deixam marcas duradouras e machucam fortemente o amor-próprio. Em tempos não tão remotos, a traição, quando ocorria, era geralmente com mulheres de uma situação social específica, pois afinal sexo era coisa de homem. O companheiro ia buscar fora de sua casa a satisfação para suas necessidades ditas “físicas”, as quais a mulher, talvez, não pudesse suprir; desse modo, ficava ela com a parte “sublime”, socialmente valorizada, e ele, com a “carnal”. Havia uma certa tolerância a essa situação, pois à esposa não era permitido gostar de sexo; este era para as mulheres “de vida fácil”.

Pensando sobre esses valores, tem-se a impressão de que o narcis-

Atualmente,
a condição sociocultural
permite à mulher viver
com mais liberdade,
e de modo mais aberto,
sua sexualidade.

sismo delas parecia não ficar tão afetado, pois as “outras” não representavam risco real de roubar seu afeto, de diminuir seu valor de mulher nem de tomar seu lugar de esposa. Resignação talvez fosse erroneamente considerada uma das marcas dessas mulheres, descritas hoje, com ironia, como *Amélias*. Marta não se mostrava vítima nem sofredora, parecendo lidar de forma diferente com as situações de sua vida.

Atualmente, a condição sociocultural permite à mulher viver com mais liberdade, e de modo mais aberto, sua sexualidade. No caso de uma traição, a “outra” pode ser alguém em iguais condições, podendo realmente representar ameaça, ou seja, tomar seu parceiro. A igualdade neste caso provoca apreensões.

A música de Mário Lago, cantada por Ataulfo Alves, confronta duas mulheres, em dois momentos distintos no tempo, ou seja, a mulher do passado e a do presente. Originalmente, a Amélia do poeta não era uma mulher passiva, resignada, como é popularmente referida. A letra da música mostra um homem queixoso, querendo de volta sua mulher, lamentando que as mulheres de hoje estão mais exigentes.

Numa entrevista à televisão, Mário Lago comentou sobre a má

fama de sua Amélia, tomada popularmente por mulher submetida ao marido, quando, na verdade, representava para ele a companheira do partido, a mulher forte que tinha em pequena conta os valores burgueses, a vaidade em especial.

Amélia

*“Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o quê você me faz,
Você não sabe o que é consciência,
Não vê que eu sou um pobre rapaz.*

*“Você só pensa em luxo e riqueza,
Tudo o que você vê você quer.
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia!
Aquilo sim é que era mulher.*

*“Às vezes passava fome a meu lado,
E achava bonito não ter o que comer.
E, quando me via contrariado,
Dizia: – meu filho, o que se há de fazer!*

*“Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia que era mulher de verdade!”*

(Letra e música de Mário Lago)

No entanto, hoje, mais que ontem, as mulheres proclamam seu sofrimento. A oportunidade de falar de seus ressentimentos, antes encobertos e até sublimados, anteriormente silenciados em função

dos valores culturais da época, pode levá-las a buscar soluções para o seu narcisismo ferido.

Nos dias atuais, existe uma idéia de que a mulher “antiga” se submetia ao homem por ser economicamente dependente ou por estar comprometida com valores sociais e religiosos. As sanções e as cobranças eram mais severas, dificultando um posicionamento feminino ativo. O contexto de oportunidades da mulher contemporânea sugere uma posição de autonomia e segurança que, embora estas possam ser apenas aparentes, não garante a ela recursos internos para agir de forma independente.

Neste sentido, a realização com a profissão, com suas funções maternas, parece não [re]equilibrar o narcisismo que foi ferido por um relacionamento amoroso abalado. O fato de ter mais espaços e gratificações não significa, portanto, que a mulher esteja mais segura de si e que se aproprie do seu lugar de sujeito no mundo, atravessando frustrações de forma equilibrada. Muitas vezes, esse narcisismo é construído na superfície, dando falsa idéia de uma subjetividade integrada.

Mesmo para a mulher convencida de seus atributos, a presença da “outra” vem atestar sua insuficiência e incompletude, reativando feridas no amor-próprio e sentimentos de inferioridade. É possível que ela tolere mais o que falta no seu homem do que o que falta em si mesma, não se perdendo quando essa situação se torna pública. O caso de Joyce ilustra bem esse tema.

Uma mulher contemporânea

Joyce, jovem executiva, procurou ajuda em um momento aflitivo de sua vida. Percebia que estava sendo traída pelo marido e não sabia como enfrentar a situação. *Isso não podia acontecer comigo*, dizia, referindo-se ao fato de ter vivido um drama familiar semelhante: o pai,

durante muitos anos, teve uma amante, e a mãe, por amor aos filhos e em função das condições da época, submeteu-se. Todos sabiam, porém a mãe jamais tocou no assunto em família. *Minha mãe disse que engravidou esperando que a minha vinda fosse salvar seu casamento; queria um homem e nasceu uma menina*, dizia ela com muita tristeza.

Interessante notar que Joyce disse *um homem* e não um meni-

rado perdeu o emprego. Essa nova condição, segundo ela, contribuiu para a desestabilização do casal.

Ele, cuidando dos negócios, passou a ficar em casa, tomando sol, fazendo ginástica e saindo à tarde para bater papo com as ‘amigas’, que comumente eram meninas de nível socioeconômico e cultural inferior ao dela, o que a fazia se sentir ainda mais ofendida. À noite, ele costumava ir a bares com os amigos e, se Joyce reclamava, ficava

Joyce, jovem executiva,
procurou ajuda em um momento
aflitivo de sua vida.
Percebia que estava
sendo traída pelo marido
e não sabia como
enfrentar a situação.

no, já diminuindo sua própria condição. Não se sentindo capaz de preencher o ideal esperado, esforçou-se para ser a filha ideal.

Temendo repetir a história da mãe, que dependeu financeiramente do pai, Joyce procurou uma saída: estudou muito, fez uma carreira brilhante e assumiu cargo de direção em uma grande empresa. Mulher bonita, não pensava em se casar por não confiar nos homens. Entretanto, conheceu um rapaz que lhe pareceu o homem ideal e que, dizendo gostar muito dela, a conquistou. Casaram-se e viveram bem durante vários anos, até que o ma-

muito bravo. Ao ser flagrado em suas aventuras, o marido mencionava os nomes das garotas, dizendo que não estava fazendo nada demais e, irritado, dizia estar se sentindo tolhido.

Cada vez mais, ela acumulava evidências da traição chorando e se perguntando: *o que vai ser de mim, até quando vou suportar tudo isso?* Não falava em amor, mal falava da raiva que sentia. Joyce começava a considerar seus sentimentos e sua atitude controladora. Embora demonstrasse que esse homem não tinha mais função no seu dia-a-dia, parecia, no entanto, ser-lhe vital.

Sentia-se perdida, censurando-se por permanecer nessa situação. O que estaria esse homem representando para ela?

Engravidou, então, para salvar o casamento, porém o marido não se envolveu com o bebê. Joyce lamentava o fato de pensar o tempo todo em seu drama e não viver sua maternidade como gostaria. Se em algum momento pensava na separação, sentida então como uma catástrofe, imaginava-se deixando tudo

Tentava
tolerar o que
lhe parecia
intolerável,
por medo
de ficar só.

o que havia construído e voltando com o bebê para a casa dos pais.

Joyce reconhecia ter baixa autoestima, aparentando, porém, certa arrogância compensatória. A insegurança e a impossibilidade de suportar a dor levaram-na a não acreditar que algo sério estivesse acontecendo. Tentava tolerar o que lhe parecia intolerável, por medo de ficar só. Acreditava que sua mãe havia suportado a traição por não ter independência econômica. Indignada, cobrava de si mesma uma atitude diferente da que sua mãe tivera. Queria de volta o homem do início do namoro, por não haver condi-

ções de luto do homem idealizado, quando tudo parecia bom (naquele passado, também idealizado). Dominada pela angústia da perda iminente, fazia todo o possível para entreter o marido que se tornara o centro de sua vida.

Trabalhávamos há algum tempo e Joyce não mencionava o nome de seu bebê, que parecia quase não existir. Era ela, no caso, o bebê assustado temendo o desamparo. A dor e a mágoa a deixavam retida nesse claustro, e sua fala era totalmente ocupada com “ele”. Na realidade, esse ‘ele’ não era tanto seu marido e sim seu ressentimento. Assustada, não conseguia tomar uma posição diante de situações que lhe eram insuportáveis, pois as saídas noturnas do marido continuavam acontecendo. Os fatos precisaram ficar muito evidentes para ela ‘acordar’, pois quanto mais temia a verdade mais convivía com mentiras; um dia resolveu segui-lo, e viu o marido saindo da casa de uma de suas amigas.

E agora? Pôr ou não pôr suas malas para fora? Esta era a questão trazida por ela, como se fosse um problema prático a ser resolvido, como a demissão de um funcionário da fábrica. Na realidade, a mala que algumas mulheres se recusam a pôr para fora é a mágoa.

Se essa jovem mulher pudesse se ver como autora, teria forças para tomar atitudes e fazer transformações em sua vida. Metaforicamente, pôr as malas para fora seria resgatar a própria dignidade, transmutar seu narcisismo ferido, sentir-se capaz de agir, saindo da posição de passividade. Joyce não via sua implicação nesse processo nem se indagava sobre os motivos do afastamento do marido.

Com frequência, dizia não querer enfrentar a situação, pois ela não conseguia enxergar-se vivendo sem seu parceiro. Ao tomar contato com essa dor, reviveu a dor da mãe, mulher descrita por ela como *submissa como uma Amélia*. Reviveu

também sua dor de menina, filha de uma mãe ferida, mãe essa que não pôs as malas para fora, que guardou e transmitiu sua amargura. Podemos nos perguntar o que se passou entre elas, mãe e filha, deixando como herança a possibilidade da repetição do insólito destino, de viver o mesmo drama familiar.

Ao ouvir Joyce, lembrei-me do filme “De caso com o acaso”, escrito e dirigido por Peter Howitt. A história começa mostrando Helen em uma certa manhã quando, sendo demitida do trabalho, volta para casa. Quando ia entrar no metrô, as portas se fecham e ela teve que aguardar o próximo trem. Ao chegar, encontra o marido ainda na cama e vê dois cálices de vinho, que ele a faz crer terem sido usados por ambos na noite anterior. Helen sente que há alguma coisa errada ali, pois não lhe parece que isso tenha ocorrido; entretanto, não consegue sustentar sua verdade e fica confusa. A seguir, o filme mostra outro roteiro: ela, conseguindo pegar aquele trem, chega em casa um pouco antes e encontra o marido com a amante na cama do casal.

O filme tem essa particularidade de mostrar o desenrolar das duas situações em paralelo até o final, revelando a impossibilidade de Helen defender sua percepção. A personagem vai obtendo evidências de que está sendo traída, porém não consegue formar uma *gestalt*, uma figura que faça sentido. Conhecer a verdade implica tomar decisões, pois pressupõe perdas e sofrimento.

Voltando a Joyce, ela reiteradamente circulava em torno de suas mágoas e ressentimentos. Mostrava-se indefesa como uma criança pequena, implicando a analista a mantê-la de olhos abertos e a cuidar dela, até fisicamente. Ouvia com atenção, concordava, mas continuava como se nada estivesse acontecendo.

Figueiredo, ao tratar dos processos perceptivos, menciona algo sig-

Há questões a respeito de pacientes que ficam à espera de sentido, como no caso em questão.

nificativo para o tema em questão. “Estes pacientes tendem, ao fim e ao cabo, a não permitir que os elementos percebidos e armazenados, que se repetem infinitamente, desemboquem em decisões e tomadas de posição. Ou seja, esses elementos são conservados, se acumulam e retornam à consciência com uma perseverança demoníaca, mas são destituídos de uma certa eficácia.”²

Para o autor, esse conhecimento não parece útil a essas pessoas, vivendo elas desconfiadas e predispostas a surpresas desagradáveis. Esse processo é nomeado por Figueiredo “desautorização”, mecanismo “da interrupção de um processo pela eliminação da eficácia transitiva de um dos seus elos”³. Com propriedade, afirma que o que está em jogo é uma certa recusa da realidade, sendo que não é propriamente a percepção que passa a ser recusada, e sim o que viria depois dela, seja “como uma outra percepção que a primeira torna possível,

uma possibilidade de simbolização, uma conclusão lógica, aparentemente necessária, ou uma lembrança que a percepção pode reativar”⁴. Acrescenta que a percepção não perde o significado, mas perde, sim, a *significância*.

Há questões a respeito de pacientes que ficam à espera de sentido, como no caso em questão: por que o amor-próprio ferido exerceria uma força de imantação atraindo mais e mais situações nas quais a pessoa acaba se machucando? Joyce relatava com pormenores vivências em que se sentia humilhada, indignada, narrando meticulosamente como se estivesse tecendo um fio que a prendesse à vida, àquele homem, a seu próprio sofrimento. Ela se perguntava se seria masoquista, respondendo a si mesma que não suportava o sofrimento. No caso dessa paciente, como no filme, também uma força a impedia de utilizar suas percepções em benefício próprio.

Não tinha paz, vivia entrincheirada, armando estratégias para ver se o marido ainda se relacionava com outras. Que vida! Deslocava o foco de si, dirigindo-o para o marido, que ficou no lugar de uma mãe que não correspondia às necessidades afetivas. Mergulhada no próprio narcisismo ferido, não conseguia um contato criativo consigo mesma nem com outras pessoas. Como afirma Bleichmar: “A falta de prazer narcisista produz apatia pelo mundo circundante”⁵.

A reedição

Para Joyce, transitar implicaria confrontar-se não apenas com sua realidade do momento, mas também com uma dor antiga, guardada como algo que não lhe pertencesse. A intensidade dessa dor que estava vivendo levava a supor que carregava inclusive as dores que sua mãe guardou em silêncio e, quem sabe, a falta de uma mãe mais viva.

E ali estava ela revivendo as mágoas da mãe, rememorando um sofrimento de menina com suas carências e buscando significados. Além de reviver a condição de mulher traída, reviveu a dor de se sentir preterida pela mãe que, segundo seus relatos, só tinha olhos para o próprio sofrimento, para aquele homem que a traía e para as outras filhas.

A partir da obra “Sexualidade Feminina” (Freud), pude depreender que a relação que a mulher vive nos anos de maturidade com seu companheiro vem a ser conseqüência do que viveu com a mãe numa fase anterior ao complexo de Édipo. “Há muito tempo, por exemplo, observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para com ele, em sua vida conjugal, seus *maus* [grifo meu] relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe.”⁶

Segundo Freud, tal repetição ocorreria por regressão, pelo fato de o relacionamento com a mãe ter sido o original e a ligação com o pai ter se constituído a partir desse primeiro vínculo. Assim, a relação com o parceiro na vida adulta possibilitaria que essa ligação original emergisse da repressão.

Buscando saída para o narcisismo ferido

Mulher inteligente, profissionalmente realizada, em tese poderia começar uma outra história. Porém, ela nem sequer aventava essa possibilidade. *Bem que eu queria perdô-lo, caso ele pedisse*, dizia, para poder resgatar o bom que já fora vivido. Sentia-se a mentora do casal, atribuindo a si a onipotência sobre os próprios destinos. No entanto, ao falar de seu sofrimento, a máscara da

mulher *quase* perfeita se desfaz, surgindo a menina fragilizada.

Joyce estava constantemente chorosa, ressentida. Ressentimento que se traduzia em sua fala: *é injusto, ele vai ver só...* ou em forma de desalento, apatia, como se quisesse dizer a ele: *olhe só o que você fez comigo, a que estado me reduziu...* Queria o amor e fugiu dele o quanto pôde, pois, na verdade, tinha muito medo de se vincular a alguém. Quando finalmente cedeu aos encantos desse homem, ele fugiu como um pássaro, e ela queria capturá-lo, aprisioná-lo, trazê-lo de volta. Ao se perceber imersa nesse drama, sentia-se como a própria mãe, sempre triste e deprimida, um pássaro aprisionado. Como nos versos da Ópera *Carmen*, de Bizet.

[...]

*O amor é um pássaro rebelde,
Que ninguém pode aprisionar,
E é em vão que nós o invocamos
Quando lhe convém recusar*

[...]

*O pássaro que tu acreditavas
Ter surpreendido, bateu asas e voou;*

[...]

*Ele vem, vai, então volta;
Tu acreditas prendê-lo,
Ele te evita;
Tu acreditas evitá-lo,
Ele te arrebatá.*

O amor é uma criança da Boêmia.

(H. Meilhac e L. Halévy)

Mas, de qual amor estamos falando, afinal? Se a mulher inconscientemente busca no parceiro a forma de relação estabelecida com a mãe, regredida, ela terá possibilidades de se frustrar. Entretanto, Joyce estava ali tentando mudar seu destino, sair da repetição, destacar-se de sua história, sair dessa identificação com a mãe.

Não contou seu drama aos pais. À mãe, Joyce queria poupar de mais um sofrimento. Quanto ao pai, estava aguardando uma oportunidade para lhe dizer: *viu só, o que es-*

tou passando agora?... o mesmo que você fez para sua mulher! Quanto rancor ela ainda guardava em relação a ele.

Na minha presença, Joyce dialogava consigo mesma como se eu não estivesse ali. Tinha medo de se vincular, de se aproximar. Não tardou a agir seu ressentimento. Um dia chegou dizendo que tinha uma coisa chata para me contar: que fora procurar outro analista, um homem... e que achava que ele tinha algo a mais para lhe oferecer.

Ao me perceber ressentida, na condição de analista pude dizer a ela que essa foi a maneira que encontrou para me falar sobre seus sentimentos, de modo que fosse possível (re)viver na pele o sentir-se trocada, preterida. Percebi que minha fala fez sentido e abriu-se aí um espaço para Joyce falar de seus sentimentos sobre minha ausência nas férias, e de outras situações em que se sentira magoada. Cogitou o fato de não estar colaborando na

que ele fez com ela. Tenho medo de dizer a ele tudo o que sinto, pois ele já tem idade, e se morrer vou sentir muita culpa, pois falaria com muita raiva e repreensão. Não acredito que ele pediria perdão, e nem é para mim que deveria pedir. Admirava muito meu pai quando criança e não queria perder essa admiração, como admirei muito meu marido pelo seu caráter; e hoje, o desprezo, na falta de um sentimento melhor. Os dois homens de minha vida me decepcionaram, e o terceiro, meu filho, eu quero conversar muito, para que aprenda como tratar uma mulher. Sempre quis ter um filho homem; se fosse mulher seria muito sofrida, pois teria de doutriná-la, coitada. Na próxima encarnação, quero ser homem; sei que sou melhor que o meu marido e melhor que muitos colegas do trabalho, pois dou conta de muito mais coisas, sou mais capaz, mais inteligente. Eles são mais burros e mais felizes, porque não têm

Na minha presença,
Joyce dialogava consigo mesma
como se eu não estivesse ali.

análise e passou a mostrar-se mais envolvida na relação.

Voltou os olhos para sua infância, trazendo à tona seus ressentimentos... *confio muito na minha mãe, mas meu pai amo com ressalvas, pois guardo muito ressentimento pelo que fez para mim e pelo*

tantas responsabilidades. Quero ser um burro feliz.

Ao mesmo tempo em que Joyce se colocava superior aos homens, sentia vontade de ser como eles, idealizando rancorosamente a condição masculina. Após esse longo desabafo, perguntei se lhe ocorria

Se a mulher guarda
em si uma menina ressentida,
o príncipe precisa ser
muito especial
para compensar
suas insuficiências
infantis e minimizar
seu sentimento
de inferioridade.

a possibilidade de se ver mulher e feliz. Ela sorriu, confirmando o que diz Bleichmar: “Em última instância, tudo pode servir para satisfazer o desejo narcisista, cuja essência é sentir-se único, diferente, superior a todos os demais, recebendo um olhar que assim o ateste.”⁷

Ainda sobre a relação do ressentimento com o narcisismo, acrescento que o ressentimento “surge pela ameaça que significa a perda da completude ou da perfeição narcisista, que no seu início inclui a tudo.”⁸ Desse ponto de vista, estaríamos todos fadados a buscar esta impossível completude em alguém. Quem preencheria essa falta?!

É comum ouvirmos com certo humor que a mulher tem duas chances de ser feliz: quando nasce ou quando se casa. Transpondo para o tema em questão, se ela for narcisicamente investida pela mãe, poderá então viver uma relação amorosa satisfatória. Assim, segundo o que postula Freud, ela tem apenas

uma chance na vida, pois a segunda relação obviamente depende da primeira.

Ouvi recentemente uma colega dizer que muitas mulheres tornam-se ressentidas por esperarem muito de seus homens, por sonharem demais, e que esta é uma questão cultural, por ser a mulher educada para esperar seu príncipe cheio de encantos, para o *serem-felizes-para-sempre*. Portanto, se a mulher guarda em si uma menina ressentida, esse “príncipe” precisa ser muito especial para compensar suas insuficiências infantis e minimizar seu sentimento de inferioridade.

De acordo com Santos: “As experiências repetidas são aquelas que causaram feridas narcísicas: a perda do amor e o fracasso vividos pela criança, no abandono do narcisismo primário. O narcisismo é a potencialização imaginária do Eu-prazer, uma idealização da economia do princípio do prazer, como se o amor de si gerasse uma estabiliza-

ção: a homeostase.”⁹ Assim, a perda do amor vivida pela mulher faz aflorar o ressentimento recursivo dessa perda. A busca ávida de outro amor funciona como uma tentativa de restauração do narcisismo primário, como se o amor do outro recuperasse a imagem de si mesma, que vem se depauperando por todas as decepções sofridas.

O perfil de Marta, que lidava sabiamente com as adversidades, não contemplando o sofrimento, nos remete a um narcisismo bem constituído. As evidências de sua história de vida levam a pensar que estava bem posicionada em seu lugar de mulher, pois havia em torno dela serenidade e alegria. Assim sendo, não havia lugar para ressentimentos.

Caberia então perguntar se haveria uma especificidade do território feminino favorável ao ressentimento?

Homens e mulheres sofrem com seus narcisismos feridos. Porém, dentre as mulheres a quem tenho ouvido, noto que, em relação a seus parceiros, há intensidade e permanência do ressentimento, cultuado e guardado rancorosamente, o que me tem levado a pesquisar a dimensão da complexidade desse tema. ■

NOTAS

1. A. Prado, *O coração disparado*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998, p. 29.
2. L. C. Figueiredo, “Verleugnung. A desautorização do processo perceptivo”, in: *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo, Escuta, 2003, p. 57.
3. *Idem*, p. 59.
4. *Idem*, p. 60.
5. H. Bleichmar, “O sistema narcisista intrapsíquico”, in: *O Narcisismo*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, p. 33.
6. S. Freud, “Sexualidade Feminina”, in: *Obras Completas*, vol. XXI, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 265.
7. H. Bleichmar, “Introdução”, *op. cit.*, p. 15.
8. L. Kancyper, “Ressentimento e Viscosidade da Libido”, in: *Ressentimento e Remorso: Estudo Psicanalítico*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994, p. 12.
9. L. G. Santos, “Repetição e Pulsão”, in: *O conceito de repetição em Freud*. São Paulo, Escuta, Belo Horizonte, Fumec, 2002, p. 101.